

Atividades musicais a partir das músicas dos alunos

Comunicação

Fernando Macedo Rodrigues
Universidade do Estado de Minas Gerais - UEMG
Fernando.rodrigues@uemg.br

Resumo: O estágio obrigatório, principalmente desenvolvido nos cursos de Licenciatura e programas como o PIBID são atividades que aproximam o estudante da prática didática. De acordo com relatos informais dos licenciandos da Escola de Música (ESMU) da Universidade do Estado de Minas Gerais (UEMG), os materiais e procedimentos discutidos durante o curso para o efetivo ensino musical, geralmente precisam ser adaptados à realidade musical das escolas. Como uma alternativa, os licenciandos podem fundamentar as atividades a serem desenvolvidas baseadas nas músicas que os alunos gostam e se identificam. Esta pesquisa¹ visa dar sequência à pesquisa anterior no exercício das práticas informais de aprendizado musical e na produção de materiais didáticos a partir das músicas escolhidas pelos alunos. O projeto foi exercitar as práticas informais na disciplina optativa: “Práticas informais no ensino musical”, ofertada no formato presencial, no segundo semestre de 2022 ESMU/UEMG. Primeiramente, foi realizado um levantamento bibliográfico sobre o tema. Em seguida, a turma de licenciandos foi dividida em grupos para a prática do repertório escolhido. Após esta prática musical, estes alunos elaboraram atividades com materiais advindos das músicas escolhidas e posteriormente sistematizaram todo o procedimento. Podemos destacar que este processo trouxe um ganho positivo para os alunos, pois eles praticaram uma música escolhida pelo colega e tiveram a oportunidade de criar atividades para o ensino musical a partir de um material sonoro completo, ou seja, uma música pronta.

Palavras-chave: Ensino musical; Música dos alunos; Materiais didáticos.

Introdução

Ao iniciar este estágio obrigatório nas salas de aulas em escolas regulares, o Licenciando e futuro professor de música pode se deparar com uma realidade diferente daquela exemplificada no seu curso. De acordo com relatos informais dos licenciandos da

¹ Esta pesquisa foi contemplada com um auxílio financeiro através do Programa de Bolsas de Produtividade em Pesquisa PQ/UEMG, edital 01/2021.

Escola de Música (ESMU) da Universidade do Estado de Minas Gerais (UEMG), os diversos materiais e procedimentos discutidos durante o curso para o efetivo ensino musical geralmente precisam ser adaptados à realidade musical das escolas.

Em outro cenário, através da participação no PIBID², como colaborador em 2013, e posteriormente como coordenador, a partir de junho de 2015 até dezembro de 2016, pude observar de forma mais próxima a presença da música através das atividades dos alunos em duas escolas públicas estaduais de Belo Horizonte/MG, que participavam do projeto. Através de conversas com professores e alunos das duas escolas, pude perceber que havia alunos que tocavam em grupos, igrejas, com familiares e com colegas, ou seja, existia um público nestes espaços que já estava envolvido em práticas musicais em diversos lugares e em diversas formações. Portanto, foi constatada a existência de atividade musical fora da escola, independente da sistematização do ensino de música. Nestas escolas são desenvolvidos projetos com o objetivo de promover a integração, conscientização e participação dos alunos tocando ou auxiliando na organização dos eventos, como por exemplo, a Semana da Consciência Negra.

Além das observações relacionadas ao estágio supervisionado e ao programa PIBID, percebo, como professor da ESMU/UEMG, através dos depoimentos informais de alunos de Licenciatura, as dificuldades que eles enfrentam para lecionarem música nas escolas. De acordo com eles, há uma necessidade de adaptar os conceitos aprendidos no seu curso para a sala de aula, pois as crianças, pré-adolescentes e adultos, em sua maioria, não reconhecem o material musical que eles apresentam (repertório e linguagem teórica). Como uma das possíveis alternativas, alguns destes licenciandos pedem para os alunos das escolas trazerem de casa músicas com as quais elas se identificam, reconhecem, gostam e/ou estão acostumadas a ouvir. Neste repertório, estes licenciandos podem buscar informações para conectar o conteúdo teórico/prático que eles desejam ensinar com as músicas que são reconhecidas pelos alunos, objetivando assim, um aprendizado mais eficiente e prazeroso. O

² Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (Pibid) idealizado e coordenado pela CAPES Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Ensino Superior do Governo Federal – em parceria com o Governo do Estado de Minas Gerais. Este programa fornece bolsas para os estudantes das universidades desenvolverem atividades de ensino nas escolas públicas.

problema é que grande parte destes professores executam estes procedimentos sem nenhuma referência ou orientação, experimentando e adotando aqueles processos que, na opinião deles, deram certo. É um exercício de erros e acertos.

Há uma necessidade do desenvolvimento de pesquisas relacionadas às práticas musicais, suas aplicações e adaptações ao contexto escolar brasileiro, e através destas, contribuir para um enriquecimento de materiais e processos de ensino. Com isso, os futuros professores de música estarão preparados para as diversas situações que a atividade de ensino possa apresentar.

Os objetivos desta pesquisa são: exercitar as práticas informais de aprendizagem musical (GREEN, 2008) e elaborar materiais didáticos a partir das músicas escolhidas pelos licenciandos tendo como referência os conceitos de Hallam (1998).

Esta pesquisa é uma sequência da investigação sobre o mesmo tema realizada por Rodrigues e Pereira (2022). Os autores executaram os procedimentos de prática, seguindo a proposta de elaboração de matérias didáticos a partir das músicas dos alunos. A diferença foi que Rodrigues e Pereira realizaram a pesquisa no ano de 2021, na modalidade online, devido a pandemia de COVID-19. O texto atual descreve a pesquisa realizada na modalidade presencial.

Conceitos

Este estudo visa considerar as pesquisas já realizadas sobre o tema, no sentido de investigar a possibilidade de elaboração de materiais didáticos a partir das músicas dos alunos da disciplina optativa. Esta pesquisa abre uma margem para acolher uma grande diversidade de materiais musicais, pois a princípio, não se sabe qual o perfil musical dos alunos e conseqüentemente qual música este aluno poderá trazer. Desta forma, as músicas apresentadas pelos alunos podem ter sua origem, por exemplo: na Música Popular Brasileira, na Música Popular Internacional, na Música Erudita, no Folclore, nos Videogames, etc.

Sobre a aprendizagem, Hallam (1998) oferece aos professores de instrumentos e canto um entendimento de como aprendizagem humana acontece e como promovê-la, propondo várias atividades para os alunos. A autora recomenda o estudo sobre o aprendizado comentando que “para ensinar bem, você também precisa entender o que está fazendo e por

quê” (HALLAM, 1998, p.xv), e enfatiza que os resultados da aprendizagem musical dependerão da combinações entre as características do(s) aluno(s), do(a) professor(a), do currículo ou material utilizado, do ritmo de aprendizagem e do(s) método(s) de ensino adotados (Ibidem, p. 114).

A autora salienta que aprender a tocar um instrumento não é uma tarefa fácil e “quando um aluno aprende a tocar um instrumento musical, ele desenvolve uma série de novas habilidades: auditivas, cognitivas, técnicas, musicais e performáticas. Estas geralmente se desenvolvem juntas.” (HALLAM, 1998, p.113). Abaixo as principais habilidades necessárias para se tocar um instrumento, segundo Hallam (1998):

1. Habilidades auditivas: desenvolver a precisão rítmica e senso de pulso; tocar afinado (entonação); saber como a música vai soar sem ter que tocá-la (audiação); improvisar — ser capaz de gerar idéias musicais internamente e transformá-las em som.
2. Habilidades cognitivas: leitura musical; transposição; compreensão das tonalidades; compreensão da harmonia; compreender a estrutura da música; memorização; composição; compreender diferentes estilos musicais e seus contextos culturais e históricos.
3. Habilidades técnicas: habilidades específicas do instrumento; agilidade técnica; articulação musical; desenvolver a sonoridade.
4. Musicalidade: habilidade de tocar expressivamente; projeção sonora; controle sentido musical.
5. Habilidades de performance: comunicar-se com um público; comunicar-se com outros artistas; coordenar uma apresentação de grupo e para uma audiência.
6. Aprendendo habilidades: capacidade de aprender, monitorar e avaliar o progresso de forma independente. (HALLAM, 1998, p.117)

Apesar de não haver uma distinção entre as categorias, podemos observar que as duas primeiras estão relacionadas com o aprendizado musical mais amplo, e as demais categorias podem ser associadas ao aprendizado de instrumento ou canto de forma mais específica.

Quanto ao aprendizado das músicas pelos alunos, podemos considerar o aprendizado formal, o não-formal e o informal.

Folkestad (2006, p.141) delimita os significados da aprendizagem formal como aquela na qual a atividade é planejada, organizada e sequenciada previamente, além de conduzida por um professor ou por alguém que assuma este papel.



Mak (2007) relata que a aprendizagem não formal relaciona-se com escolas livres, grupos comunitários e outras organizações não governamentais (ONGs), abrangendo atividades educacionais altamente contextualizadas e participativas.

Green (2008) organizou as características do aprendizado informal em cinco princípios fundamentais (Green, 2008, p.10), a saber: inicia-se com a música escolhida pelos aprendizes; “o principal método de aquisição de habilidades envolve a cópia de gravações de ouvido” (o processo de “tirar músicas de ouvido”) (Ibidem), a partir de uma referência de áudio; o aprendizado acontece de maneira individual ou com amigos através do autoaprendizado, aprendizado dirigido por pares e aprendizado em grupo; habilidades e conhecimentos tendem a ser assimilados de forma confusa, aleatória, idiossincrática e holística - partindo do todo, e com exemplos musicais retirados do “mundo real”; envolve uma profunda integração entre escuta, performance, improvisação e composição em todo o processo de aprendizagem (GREEN, 2008, p.10).

Utilizando as características do aprendizado informal identificadas, Green (2008) elaborou outro projeto no qual discutiu a adaptação e a aplicação destas práticas informais em escolas da Inglaterra, procurando avaliar a extensão e o possível benefício desta abordagem (p.23). Neste projeto, Green (2008) planejou sete estágios idealizados e concebidos como uma “abordagem de ensino e aprendizado” (p.23). A saber:

1 – “O coração do projeto”: proporcionar aos alunos uma imersão nas “práticas informais” de forma semelhante ao que acontece na vida real; 2 – A escolha de uma música familiar pelo grupo de alunos que pode conter pequenos *riffs*³ para o auxílio na aprendizagem da mesma. O professor pode auxiliar nesta tarefa; 3 - A repetição do 1º estágio, com o objetivo de ressaltar as habilidades adquiridas anteriormente; 4 – O convite aos alunos para trabalharem uma composição própria, baseados naquilo que aprenderam nos estágios anteriores; 5 – Modelagem de composição. Foi oferecido aos alunos um "modelo musical" de composição proveniente de um exemplo "real" da música popular” (GREEN, 2008, p. 27); 6 e 7 - “Imersão” com música clássica. Exercício das práticas anteriores, mas com um estilo musical que os alunos não gostam (GREEN, 2008, p.152).

³ De acordo com França (2012) o termo “riff” refere-se “a um motivo marcante que geralmente aparece na introdução e se repete durante a música, conferindo-lhe identidade” (FRANÇA, 2012, p.74).

A partir de uma revisão de literatura, Folkestad (2006) identificou quatro maneiras diferentes na utilização e definição dos termos: aprendizagem formal e informal, explícita ou implícita respectivamente, cada uma com foco em diferentes aspectos da aprendizagem:

1. A situação: onde é que a aprendizagem acontece? Isto é, formal e informal é usado como uma maneira de apontar o contexto físico em que a aprendizagem tem lugar; 2. O estilo de aprendizagem: como uma maneira de descrever o caráter, a natureza e a qualidade do processo de aprendizagem, referem-se a aprender a tocar através da partitura ou de ouvido; 3. A propriedade: quem "possui" as decisões da atividade; o que fazer além de como, onde e quando? Esta definição se concentra no ensino didático contra a aprendizagem aberta e autorregulada; 4. Intencionalidade: Para qual objetivo a atenção e o foco são direcionados: para aprender a tocar ou na direção do ato de tocar? Dentro de um modelo pedagógico ou modelo musical? (FOLKESTAD, 2006, p.141-142).

Wright (2016) elaborou um gráfico no qual podemos entender melhor como as quatro categorias concebidas por Folkestad (2006) acontecem numa “situação de aprendizado na vida real” (p.211). Neste esquema podemos visualizar as setas apontadas para baixo em todas as categorias, como um controle único vertical e deslizante, podendo-se mover para qualquer um dos lados. O que podemos destacar é que, a partir deste gráfico podemos vislumbrar a possibilidade de variadas combinações entre as duas modalidades de aprendizagem.

Figura 1: Possibilidades de combinações entre modalidades de aprendizado formal e informal



Fonte: Wright (2016, p.211).

Na figura acima podemos compreender o sentido das possibilidades de combinações proposto por Wright (2016, p.211) salientando que desta forma “pode-se capturar a realidade confusa da aprendizagem da vida real mais eficazmente do que a ideia de um único ‘continuum’, ou seja, o aprendizado está entrando e saindo constantemente de modos formais e informais” (*Ibidem*, p.211).

O aprendizado não formal e as práticas informais como auxílio na Educação Musical

A seguir são apresentadas algumas pesquisas relacionadas ao aprendizado não-formal e as práticas informais como auxílio na educação musical.

Grossi e Martinez (2011) elaboram reflexões sobre a aprendizagem musical que vem sendo realizada com os alunos do Centro de Ensino Médio do Setor Oeste de Brasília (DF). Através da aplicação das práticas informais, segundo os pressupostos da autora Lucy Green, os autores destacam a importância destas práticas como experiência no futuro profissional dos alunos de Licenciatura em Música.

Murtadza (2016) descreve os conceitos do aprendizado formal, informal e não-formal e considera este último, como aquele fornecido por portadores de cultura em contextos

escolares e comunitários. Murtadza explora questões da autonomia e atuação dos estudantes em relação ao ensino dirigido por músicos mais experientes ou mestres de diversas culturas e exemplifica este contexto através sua própria experiência no aprendizado do gamelão javanês. A autora caracteriza esta prática como ensino não formal, que ocupa uma posição em algum lugar no continuum entre formal e informal, destacando pontos positivos desta atividade na qual a aprendizagem autodirigida do aluno ocupa uma posição importante.

Walden (2016) descreve métodos de integração de experiências de aprendizagem não formal por meio de explorações de músicas culturalmente diversas. A autora defende a inclusão dessas músicas nos currículos das escolas canadenses, além da música popular, em que os alunos podem se envolver em aprendizagem auditiva e em experiências baseadas nas práticas de ensino da aprendizagem não formal. Por meio de estudos dos conceitos, estruturas temáticas e questões de justiça social, Walden descreve diretrizes e práticas para o ensino e a aprendizagem não formais. A autora defende estas experiências de aprendizagem como um meio de envolver os alunos na reflexão sobre questões de justiça social e sugere a alteração do foco central do currículo, a partir de perspectivas eurocêntricas, para uma perspectiva mais global.

Barbeau e Corssette (2016) relatam uma iniciativa colaborativa entre alunos de educação musical da *Schulich School of Music* (McGill University - Canadá) e membros seniores da *Montreal New Horizons Band* (MNHB), que fornece um exemplo inovador de prática de educação musical não formal por meio do ensino e aprendizagem. Os autores mencionam que a banda *New Horizons* difere das bandas e orquestras tradicionais da comunidade porque é direcionada para adultos mais velhos, sem exigir conhecimento musical prévio dos participantes. A educação musical intergeracional e a prática de ensino neste ambiente beneficiaram tanto os educadores musicais de formação inicial na universidade quanto os músicos participantes da banda *New Horizons*.

Rodrigues (2018) discutiu a aplicabilidade dos processos de aprendizagem não-formal e as práticas informais de aprendizagem musical na oficina de música do projeto PIBID/UEMG em uma escola pública de ensino médio de Belo Horizonte/MG. Utilizando a metodologia da pesquisa qualitativa o autor obteve as opiniões e concepções dos participantes, cinco bolsistas do projeto e vinte alunos da escola, sobre as atividades

desenvolvidas durante o ano letivo de 2014. Através das atividades, verificou-se um compartilhamento de estratégias, informações e aprendizagem entre os bolsistas, entre os alunos, e entre bolsistas e alunos. Como resultados podemos destacar que o projeto oportunizou o exercício da aprendizagem colaborativa; a viabilidade e a possibilidade de uma proximidade entre as abordagens não formal e informal; uma atualização das características das práticas informais a partir da utilização de vários recursos tecnológicos e a possibilidade destas práticas serem utilizadas como instrumentos de estímulo nos processos de prática, ensino e aprendizagem musical.

Esta pesquisa visa aglutinar as conclusões dos autores acima relacionados, no exercício das práticas informais de aprendizagem musical.

Procedimentos metodológicos

A pesquisa adotou uma abordagem qualitativa que dentre as suas características destaca-se que “o foco está no processo, no entendimento e no significado, e o pesquisador é o principal instrumento para coleta e análise de dados” (MERRIAM, 2014, p.14). A pesquisa qualitativa é “um processo indutivo no qual os pesquisadores reúnem dados para construir conceitos, hipóteses ou teorias através de uma rica descrição do contexto, seus participantes e de todas as atividades realizadas” (MERRIAM, 2014, p.16).

A pesquisa possui um delineamento exploratório que segundo Gil (2002)

têm como objetivo proporcionar maior familiaridade com o problema, com vistas a torná-lo mais explícito ou a constituir hipóteses. Pode-se dizer que estas pesquisas têm como objetivo principal o aprimoramento de ideias ou a descoberta de intuições. (GIL, 2002, p.41).

O Projeto aproveitou a disciplina optativa: “Práticas informais no ensino musical” oferecida no 2º semestre de 2022, no curso de Licenciatura em Música com Habilitação em Educação Musical Escolar, na ESMU/UEMG com a duração de 18 aulas, 2hs/aula por semana para realizar as atividades práticas. O público participante nesta disciplina foi de oito licenciandos e os objetivos principais deste grupo foram: a) o exercício das práticas informais de aprendizado musical e b) a elaboração de atividades advindas das músicas escolhidas pelos participantes.

Inicialmente foi realizada uma pesquisa bibliográfica sobre o tema que segundo Gil (2002) “é desenvolvida com base em material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos” (p.44). Posteriormente, foi realizado um estudo dos processos de aprendizagem segundo Hallam (1998) e um levantamento sobre os diversos processos de aprendizagem formal, não-formal e informal.

Em seguida, o desenvolvimento das atividades descritas abaixo, em duas etapas:

Primeira etapa

- Exposição dos conceitos e propostas para a disciplina;
- Emprego dos 5 primeiros estágios propostos por Green (2008) para o exercício das práticas informais de aprendizagem musical⁴;
- Ensaio das músicas escolhidas. Os alunos adaptaram a música à instrumentação disponível;
- Apresentação e gravação áudio da *performance* dos grupos. O áudio da versão final foi disponibilizado para os colegas.

Segunda etapa

- Análise da música e busca por tópicos que pudessem ser extraídos para o ensino musical, segundo Hallam (1998), por exemplo: ritmo, melodia, harmonia, instrumentação, etc. Cada aluno elaborou uma atividade e em seguida todos compartilharam suas ideias.
- Elaboração e sistematização de atividades relacionadas ao ensino musical baseadas nas práticas acima relacionadas.
- Repetição de todo o processo (1ª e 2ª etapas) com uma nova música.

Todo o processo foi realizado em seis ou sete aulas para cada música, totalizando duas músicas trabalhadas pela turma durante o semestre da disciplina.

⁴ Neste projeto, as quatro primeiras etapas, segundo Green (2008), foram realizadas integralmente pelos participantes. A quinta etapa foi realizada parcialmente, pois os alunos já atuavam em shows e apresentações musicais de forma regular, e desta forma possuíam noções sobre a preparação para tocar uma música, em relação aos ensaios, apresentações, etc. Os estágios 6 e 7 não foram aplicados por falta de tempo hábil para a realização dos mesmos.

Atividades

As atividades práticas descritas a seguir foram propostas e organizadas pelos licenciandos que tiveram total liberdade para escolher o tópico que achavam mais adequado a ser desenvolvido, bem como a ordem e organização das propostas para cada atividade.

Foi proposto aos participantes da disciplina que na elaboração de atividades adotassem como referência as habilidades descritas por Hallam (1998). O objetivo seria que as atividades pudessem estimular a prática e/ou o desenvolvimento de algum dos tópicos descritos pela autora.

Cada licenciando baseou-se em um perfil de alunos para a sua atividade, detalhes como idade, se já sabem tocar algum instrumento, se possuem algum conhecimento musical prévio ou não. O objetivo e a duração de cada atividade também foram definidas.

Eles(as) elaboraram cinco atividades para cada música escolhida, mas por questões de espaço apresentaremos apenas uma proposta de cada música.

As propostas aqui descritas são sugestões e podem ser alteradas dependendo das concepções e objetivos do professor. É importante levar em consideração que o resultado final também depende das características do grupo como: maturidade, conhecimento, nível de participação, capacidade de escuta e muitos outros fatores.

Primeira Música

A primeira música escolhida pelos licenciandos para criação das atividades didáticas foi “Águas de março”⁵, de Tom Jobim.

Licenciando A:

- Atividade: Estudo da Música “Águas de Março” e as possibilidades de ensino musical que ela pode oferecer.
- Justificativa: Música conhecida e de fácil acesso, com um andamento lento, possibilitando a exploração do ritmo básico e suas subdivisões.
- Materiais a serem utilizados: Caixa de som, celular com a música “Águas de Março”, instrumentos sonoros convencionais e não convencionais.

⁵ <https://www.youtube.com/watch?v=aKvwnHiJSdk>



- Objetivos: Treinar a audição, percepções e execução instrumental, rítmica e melódica da canção; Explorar diferentes percepções dos alunos não somente pela audição, mas pela sensação e improvisação corpórea como um todo.
- Perfil de aluno: Adolescentes entre 14 e 16 anos com conhecimentos básicos de música; grave e agudo; intensidade; etc.

Procedimentos:

1. Apresentar a música "Águas de Março" na versão de Elis Regina e Tom Jobim. Pedir para que, de olhos fechados, ouçam detalhadamente todos os instrumentos e o papel de cada um na construção da música.
2. Perguntar os sons que eles ouviram e nomear os instrumentos. Fazer uma lista com o que for dito.
3. Explorar as divisões rítmicas da música (todos de pé ouvirão novamente a música, trazendo as divisões expressadas pelo corpo, palmas e pés) e compreender como a música se organiza (forma e dinâmica).
4. Ouvir atentamente o caminho harmônico, primeiro pelo baixos depois pelos demais instrumentos. Acompanhar através da letra com a cifra (opcional).
5. Preparar e separar o instrumentação com os materiais/instrumentos disponíveis (avisar previamente aqueles que já possuem instrumentos musicais) a ideia é explorar também instrumentos não convencionais e percussão corporal.
6. Separar em grupos (se possível), auxiliar na execução da música e ensaiar.
7. Apresentar a música ao final.

Segunda Música

A segunda música escolhida pelos licenciandos para as atividades foi "**Eu sei que vou te amar**"⁶ de Tom Jobim e Vinícius de Moraes.

Licenciando C

⁶ <https://www.youtube.com/watch?v=TARRNm0x1lw>

- Atividade: Estudo de intervalos musicais da Música “Eu sei que vou te amar” aplicado na flauta doce.
- Objetivo: Adquirir conhecimento teórico sobre os intervalos e desenvolver a percepção auditiva através deles.
- Justificativa da atividade: A música escolhida possui uma melodia simples e os intervalos não ultrapassam uma oitava, o que mantém o grau de dificuldade baixo para os alunos que ainda estão aprendendo conceitos básicos.
- Perfil: Alunos que tenham conhecimento iniciante na prática de flauta doce (dedilhados das escalas de dó maior e fá maior).

Procedimentos:

1. Escutar a música; perceber a melodia;
2. Cantar e em seguida tocar a escala de fá (ascendente e descendente).
3. Identificação e explicação sobre o que são intervalos e a definição de cada um (2ª menor e maior, 3ª menor e maior, 4ª justa, etc.); cantar estes intervalos.
4. Realizar exercícios no quadro pautado para fixar o conteúdo.
5. Ler na partitura - a partir do compasso 9 - os intervalos (lá-dó, fá-mi, ré-sib, etc.)
6. Reproduzir cada um dos intervalos na flauta (ou em outro instrumento) e classificá-los.
7. Executar a música completa na flauta (ou em outro instrumento).

Conclusão

Esta pesquisa teve como objetivo o exercício das práticas informais de aprendizagem musical (GREEN, 2008) e a elaboração de materiais didáticos a partir das músicas escolhidas pelos licenciandos. O Projeto inicial aproveitou a disciplina optativa presencial: “Práticas informais no ensino musical” na Escola de Música da UEMG, para o desenvolvimento das atividades propostas.

O exercício das práticas informais baseados nos cinco primeiros estágios, de acordo com Green (2008), fez com que os licenciandos entrassem em contato com atividades como a escuta de várias versões da música; tirar músicas ou trechos de músicas de ouvido;

adaptações e performance das músicas escolhidas, prática musical em grupo, troca de informações entre os colegas, dentre outras, e estas práticas mostraram-se efetivas para aprendizagem da música.

Podemos destacar também que as práticas informais trouxeram a realidade musical dos estudantes para dentro da aula de música, a partir do momento em que os participantes são convidados a apresentar as músicas de sua preferência e a compartilhar suas experiências musicais anteriores ao longo das atividades. Desta forma, há uma ênfase no caráter inclusivo destas práticas, o que possibilitou momentos de pertencimento, de confiança entre colegas, de troca de informações e ideias e muitas vezes, com a participação também do professor/tutor.

Na etapa seguinte, cada licenciando elaborou uma atividade musical a partir da referência de Hallam (1998). Este exercício fez com que os participantes desenvolvessem as habilidades na criação de materiais didáticos a partir de uma música popular. Ou seja, ao retirar tópicos da música para o ensino musical, o licenciando altera o sentido da origem do material a ser utilizado para fins educativos, antes, este material era trazido pelo professor, a partir de seu conhecimento e experiência, mas com essa outra possibilidade, o material pode ser criado a partir de uma música trazida por um aluno e que talvez o professor não a conheça. Dessa forma, além do conhecimento adquirido no seu curso superior, o licenciando poderá produzir seu próprio material a partir de músicas diversas. Acredita-se que através desta prática, os licenciandos estarão mais bem preparados para os desafios da docência em escolas públicas e/ou ambientes diversos.

Podemos destacar também que as atividades acima descritas podem proporcionar:

- uma aproximação do professor com o repertório conhecido e reconhecido pelos alunos o que oportunizou uma maior afinidade entre eles, contribuindo para o ensino e aprendizagem musical. Esta aproximação ficou mais evidente nas atividades presenciais.
- um estímulo à criatividade, a partir da possibilidade de elaboração e sistematização de materiais e atividades destinadas ao ensino musical.

Esta pesquisa demonstrou que as atividades presenciais tiveram uma importância significativa no desenvolvimento de todas as etapas desta pesquisa, destacando a importância



do contato e interação entre os participantes para o desenvolvimento das atividades e para o estímulo ao aprendizado.



Referências

BARBEAU, Audrey-Kristel; COSSETTE, Isabelle. Intergenerational Community Bands, Service Learning and Preservice Music Teacher Training: A Win-Win Situation to Foster Non-Formal Teaching and Learning. In: WRIGHT, Ruth; YOUNKER Betty A.; BEYNON, Carol. *21st century music education: Informal learning and non-formal teaching* Waterloo: CMEA/ACME National Office. Canadian Music Educators' Association. Edição do Kindle, 2016. p. 3175–3702.

FOLKESTAD, Gohan. Formal and informal learning situations or practices vs formal and informal ways of learning. *British Journal of Music Education*. Cambridge University Press. v. 23, n. 02, p. 135, 29 jun. 2006.

FRANÇA, Cecília. C. Riffs forever: O rock na sala de aula. *Música na Educação Básica*, Londrina. v. 4, n. 4, p. 70–84, 2012.

GIL, Antônio. C. *Como elaborar projetos de pesquisa*. 4ª Ed. São Paulo: Editora Atlas. 2002. 176p.

GREEN, Lucy. *Music, Informal Learning and the School: A New Classroom Pedagogy*. 1st. ed. Hampshire - England: Ashgate Publishing Limited, 2008.

GROSSI, Cristina S.. MARTINEZ, Edson. B. O aprendizado informal de música no Centro de Ensino Médio do Setor Oeste – Brasília. In: CONGRESSO ANUAL DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE EDUCAÇÃO MUSICAL, 20, 2011. *Anais...* Vitória: ABEM, 2011. p.1546-1553.

MAK, Peter. Learning Music in Formal, Non-Formal and Informal Contexts. In: MAK, Peter; KORS, Ninja; RENSHAW, Peter. (Eds.). *Formal, non-formal and informal learning in music*. Hague, Netherlands: Lectorate Lifelong Learning in Music. 2007. p. 8–27.

MERRIAM, Sharan. B. *Qualitative Research: A Guide to Design and Implementation*. 2nd Edition. San Francisco - USA: Wiley, 2014.

MURTADZA, Nur. I. Culturally Relevant Pedagogy and Non-Formal Teaching Practices with Young People: Systemic Responses to Hybrid Educational Landscapes in the 21st Century. In: WRIGHT, Ruth; YOUNKER Betty A.; BEYNON, Carol. *21st century music education: Informal learning and non-formal teaching*. Waterloo: CMEA/ACME National Office. Canadian Music Educators' Association. Edição do Kindle., 2016. p. 1479–1886.

RODRIGUES, Fernando M. *As "práticas informais" e o "aprendizado não formal" na oficina de música do projeto PIBID/ESMU/UEMG*. 2018. 250 p. Tese (Doutorado em Música/Educação Musical) Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2018.

RODRIGUES, Fernando M.; PEREIRA, Luciana L. Elaboração de materiais didáticos a partir das músicas dos alunos. In: ENCONTRO REGIONAL SUDESTE DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE EDUCAÇÃO MUSICAL, 13, 2022. *Anais...* Rio de Janeiro: ABEM, 2022. p.1-16.



WALDEN, Jennifer. Non-Formal Learning Through Culturally Diverse Music and Methodologies. In: WRIGHT, Ruth; YOUNKER Betty A.; BEYNON, Carol. *21st century music education: Informal learning and non-formal teaching*. Waterloo: CMEA/ACME National Office. Canadian Music Educators' Association. Edição do Kindle., 2016. p. 1890–2340.

WRIGHT, Ruth. Informal learning in general music education. In: ABRIL, Carlos. R.; GAULT, Brent M. (Eds.). *Teaching general music: Approaches, issues and viewpoints*. New York: Oxford University Press, 2016. p. 209–237.

